

INTELIGÊNCIA DOS ANIMAIS

Há poucos dias tive ocasião de observar um curioso caso de inteligência dos animais, caso que não será certamente uma novidade, mas que me não parece também ser de observação muito vulgar.

Defronte do meu pequeno gabinete de trabalho, na casa em que resido, há um vasto pátio aonde os gatos, os patos e galinhas, os pombos e os pardais passeiam quase constantemente, mas nem sempre em boa camaradagem.

Um dos gatos, um velho e experiente gato branco, entretém-se muitas vezes a dar caça aos pombos, e ainda não há um mês que o viram, cosido com o muro, levando na boca uma das mais bonitas pombas brancas do bando. Convém saber que o malandro do gato tem aonde exercitar à vontade as suas aptidões; porque os pombos são extremamente mansos e o dono não se aflige muito com a perda de um ou de outro, pois conserva este resto do seu antigo pombal apenas obrigado pela superstição, “para não perder a fortuna.”

O facto curioso que tive ocasião de observar há dias e com que estimaria poder iniciar, nesta *Revista*, um inventário de observações próprias semelhante ao que há pouco deu por terminado a *Revue scientifique*, sobre a inteligência dos animais, foi uma tentativa deste hábil gato, para se apoderar de um outro pombo.

No pátio há uma antiga fonte que foi metida dentro duma pequena casa, por detrás de cujo telhado se ergue ainda o frontão da fonte, tendo de ambos os lados os pedestais das pirâmides ou esferas do estilo. Quando cheguei à minha janela, sete ou oito pombos bicavam alegremente as ervas do telhado da pequena casa e o gato deixava-se escorregar por entre um dos pedestais e o frontão, fofo, dúctil, contornando todos os frisos como um piano de cebo. Tendo pousado todo sobre o telhado, o gato parou um momento, percorreu com o olhar todas as pombas e certificado de que elas não tinham dado muito por ele, entrou definitivamente no seu plano de ataque. As precauções e artifícios que o animal empregou para o levar a efeito, e que acho muito dignos de atenção, que provam grande reflexão e experiência, são os seguintes: o gato não fitava de preferência uma das pombas, nem mesmo a que lhe ficava, mais perto; ele continuava sempre, a cada passo que dava, a tomar conhecimento das atitudes de todas as pombas ao mesmo tempo, e mal que qualquer delas olhava para ele, o gato desagachava-se imediatamente com um ar de indiferença admiravelmente estudado; assim que a pomba se voltava, o gato tornava-se a agachar imediatamente e dava mais uma passada. Conquanto as pombas se não amedrontassem, foram-se sempre desviando do gato, até que ficaram todas na beira do telhado; o gato compreendeu que, se insistisse, elas voariam; voltou para trás, pôs-se a cheirar a cimalha do frontão e a esfregar nela o focinho, e conseguiu perfeitamente o seu fim, porque as pombas subiram chegando-se algumas mesmo para junto dele. O gato que olhava de revés, assim que as viu perfeitamente tranquilas e sem olhar para ele, voltou-se ansiosamente e recomeçou com dobrada cautela; mas desta vez as pombas, ao chegarem à beira do telhado, foram espantadas por um boi que entrava no pátio, e soltaram o voo, deixando o gato de pata no ar todo desapontado.

Posso afirmar que a maneira por que o gato observava ao mesmo tempo os movimentos de todas as pombas, e fingia despreza-las desagachando-se e sentando-se muito tranquilo, e a maneira por que conseguia convencê-las de que lhes não era hostil, indo cheirar a cimalha, eram admiráveis e provam que ele tem qualidades intelectuais superiores.